

## UMA SOLIDÃO SOLIDÁRIA: POESIA COMO COMUNIDADE DE AFETOS EM MANUEL DE FREITAS

Tamy de Macedo Pimenta(UFF/CNPq)<sup>1</sup>

**Resumo:** Tendo como base os textos críticos e poéticos do poeta português contemporâneo Manuel de Freitas, buscaremos neste texto demonstrar brevemente como sua obra cria uma espécie de comunidade de afetos pela poesia, em que, nas palavras do poeta, a “solidão possa ser solidária” (FREITAS, 2012, p.165). Desse modo, enfatizaremos como, para atingir tal propósito, é preciso buscar outros artificios da linguagem, diferentes dos usados pelos poetas “ourives de bairro, artesãos tardo-mallarmeanos”, mas, ainda assim, exigentes de um trabalho formal, estilístico e retórico. A poesia passa, então, a ser menos um ofício cantante e mais um ofício comunicante, a fim de compartilhar “o(s) resto(s)” (FREITAS, 2002a, p.12) da vida, ou da morte, “quotidianamente vivida” (FREITAS, 2010a, p.7) em nosso tempo.


**Palavras-chave:** Comunidade; Afetos; Poesia; Contemporaneidade; Manuel de Freitas.

Só, em meu quarto, escrevo à luz do olvido;  
deixai que escreva pela noite dentro:  
sou um pouco de dia anoitecido  
mas sou convosco a treva florescendo.  
(OLIVEIRA, 2003, p.73)

Início este texto com os primeiros versos do célebre poema “A noite inquieta” de Carlos de Oliveira para apontar a condição duplamente solitária e solidária da escrita de poesia, tematizada pelo poeta nesses versos. Na circunstância de sua primeira publicação, no Portugal dos anos 60, muitos escritores procuraram denunciar os pesares de uma sociedade em meio a ditadura salazarista pelas palavras, sobretudo o grupo de autores ligados ao movimento Neo-realista, dentre os quais o próprio Carlos de Oliveira. A dimensão social, coletiva e *solidária* da literatura era então bastante estimada por esses escritores que, em alguns casos, pecavam por sobrevalorizar as mensagens ideológicas de cunho esquerdista em detrimento do trabalho formal. Não foi esse o caminho trilhado por Oliveira – que, inclusive, reescreveu grande parte de sua obra retirando “marcas neo-realistas” após o auge do movimento – e não deixou de lado a perspectiva *solitária* do ato de escrita, conforme nos exemplifica o poema supracitado. Cito mais alguns de seus versos:

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras – Português/Inglês (UFF), Mestre em Literatura Portuguesa e Africanas de língua portuguesa (UFF), Doutoranda em Literatura Comparada (UFF), sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ida Alves. Contato: tamymacedo@gmail.com.



Sinto um rumor de tempo sobre as casas  
e detenho-me um instante: que rumor?  
são aves de tormenta? ou são as asas  
dum povo que passou o mar e a dor?

É um clamor de pedras e de coisas  
que no seio da sombra têm voz?  
ressurreição de estrelas e de lousas,  
armas do mundo erguendo-se por nós?

E assim escrevendo, solto a vida presa  
nos vultos que em tumulto me visitam:  
tenho livros abertos sobre a mesa  
com páginas silenciosas que meditam.


Abertos como frutos, como factos  
onde busco a verdade, a luz latente:  
livros simples, cálidos, exactos,  
com sonhos que a insónia me consente.  
(OLIVEIRA, 2003, p.74)

É a partir do clamor que vem de fora e dos livros abertos sobre a mesa que nasce o ato de escrita do poeta, atento simultaneamente ao exterior e ao interior de si, à *solidariedade* que encara como tarefa e à *solidão* da qual não escapa. Todavia, como se sabe, não foi esse o entendimento dos companheiros neo-realistas de Oliveira quando leram o poema, acusando-o de “solidão individualista” (GOMES, 1949 apud MARTELO, 2010, p.326), o que, conforme nos recorda Rosa Maria MARTELO (2010, p.326), foi um grande equívoco.

Passado o furor desse movimento literário em Portugal, não se esgotaram, porém, polémicas quanto a uma ideia de poesia mais social e, conseqüentemente, mais ligada ao “real” e com uma linguagem mais “acessível” contra uma poética da retórica excessivamente trabalhada, supostamente afastada do “real”. Não é nosso intuito se alongar nesses pormenores neste momento, mas basta pensarmos nas diferentes propostas dos grupos *Cartucho* e *Poesia 61* (ambos do fim do século XX) para ilustrarmos esses dois polos que – importa-nos salientar –, se cruzam e confundem em qualquer boa literatura. Contudo, interessa-nos ter em mente esse percurso histórico-literário português para melhor compreender o lugar da poesia e crítica de Manuel de Freitas<sup>2</sup>, obra situada já em nosso século, na qual nos deteremos neste texto.

---

<sup>2</sup> Poeta, tradutor, crítico literário e editor nascido em 1972 no Vale de Santarém, Portugal. Publicou seu primeiro livro de poesia, *Todos contentes e eu também*, em 2000 e atualmente reúne vários livros de poesia e alguns de ensaios, como *Pedacinhos de ossos* (2012). Em 2002 organizou a antologia *Poetas sem*




Embora seu primeiro livro de poemas *Todos contentes e eu também* date de 2000, foi somente dois anos depois, com a publicação da antologia *Poetas sem qualidades*, que o nome de Manuel de Freitas chamou a atenção da crítica, ainda que nem sempre de forma positiva. A pequena antologia, organizada e prefaciada pelo poeta, com edição de apenas trezentos e cinquenta exemplares pela editora Averno (também de posse de Manuel de Freitas), sobressaltou os críticos menos pelos poemas dos nove autores que lá estão, tendo sido o seu prefácio – “o tempo dos puetas”, assinado por Freitas – o alvo das polêmicas que se seguiram à publicação. De fato, – e aqui peço permissão para me alongar um pouco neste tema já tão debatido entre os estudiosos de poesia portuguesa contemporânea – o prefácio defende uma ideia de poesia tanto quanto ataca ideias supostamente contrárias as que sustenta, até mesmo citando nomes de poetas consagrados de forma pejorativa e, em alguns momentos, sarcástica, como quando afirma que o poeta-crítico Nuno Júdice “tornou-se o emplastro vivo [...] do culturalismo auto-suficiente” (FREITAS, 2002, p.13). Entretanto, se Freitas ataca poetas “cheio(s) de qualidades” (Ibidem) é também para ratificar sua defesa de uma poesia sem qualidades, já que “A um tempo sem qualidades, como aquele em que vivemos, seria no mínimo legítimo exigir poetas sem qualidades.” (FREITAS, 2002, p.9). O que seria, então, uma poesia sem qualidades? Diz Manuel de Freitas (2002, p.14-15, grifos do autor) sobre o conjunto de poetas ali reunidos:

O que, de alguma maneira, aproxima estes nomes (e legitimará, porventura, reuni-los num mesmo livro) são, precisamente, as várias “qualidades” que notoriamente não possuem. Estes poetas *não* são muita coisa. Não são, por exemplo, ourives de bairro, artesãos tardo-mallarmeanos, culturalizadores do poema digestivo, parafraseadores de luxo, limadores das arestas que a vida deveras tem. Podemos, pelo contrário, encontrar em todos eles um sentido agónico (discretíssimo, por vezes) e sinais evidentes de perplexidade, inquietação ou escárnio perante o tempo e o mundo em que escrevem. Não serão, de facto, poetas muito retóricos (embora à retórica, de todo, se não possa fugir), mas manifestam força – ou admirável fraqueza – onde outros apenas conseguem ter forma ou uma estrutura anémica. *Comunicam*, em suma; não pretendem agradar ou ser poeticamente correctos. Só é possível falar destes poetas negativamente (e ainda bem): aproxima-os a falta de todas essas qualidades em que os meus contemporâneos se têm revelado pródigos. Por isso estão aqui, a desabrigo, a dizer o que dizem.

---

*Qualidades*. É codiretor da revista *Telhados de Vidro* e dirige as editoras Averno e Paralelo W. Além disso, escreve sobre livros no jornal *Expresso* e tem colaboração dispersa em várias revistas literárias portuguesas. Recebeu o prêmio Prémio P.E.N. Clube Português de Poesia em 2013.



Contrapondo os nove poetas da antologia aos poetas ditos “com qualidades”, Freitas afirma – ainda que negativamente, por só ser possível falar assim destes poetas – sua relação com o tempo e o mundo em que estão inseridos, pautada na “perplexidade, inquietação ou escárnio”, e sua maneira de escrever essa contemporaneidade: abrindo mão de uma retórica excessiva em favor de uma *comunicação*. Assim, nas palavras de Ida Alves (2008, p.126), “Os poemas selecionados para a antologia ‘comunicavam’ uma subjetividade que não se desejava fingida, produto de um malabarismo verbal artificioso, mas sim deslocada da vida para a escrita sem retóricas, verdadeira na sua escassez semântica e na sua fragilidade lírica” e, dessa forma, conseguem estabelecer um vínculo entre a experiência que escrevem e a experiência corriqueira vivenciada pelo leitor contemporâneo, tornando essa experiência *partilhável*. Como bem nos lembra Rosa Maria Martelo (2003, s/p), a comunicação só se torna possível “porque essa experiência se transformou, entretanto, num destino comum e, nessa medida, se tornou reconhecível para o leitor enquanto mundo habitual. ”

Ainda de acordo com a crítica portuguesa, por meio de “uma relação mais imediata, ou mais legível, com a experiência e, por consequência, capaz de uma maior cumplicidade com o leitor”, os *Poetas sem qualidades* parecem querer inventar uma outra linguagem: “limpa” e comunicante (MARTELO, 2003, s/p). Para atingir tal propósito, é preciso buscar outros artifícios da linguagem, diferentes dos usados pelos poetas “ourives de bairro, artesãos tardo-mallarmeanos”, mas, ainda assim, exigentes de um trabalho formal, estilístico e retórico<sup>3</sup>. A poesia passar a ser menos um ofício *cantante* e mais um ofício *comunicante*, a fim de compartilhar “o(s) resto(s)” (FREITAS, 2002a, p.12) da vida, ou da morte, “quotidianamente vivida” (FREITAS, 2010a, p.7) em nosso tempo.

Afastando-nos um pouco da antologia e do pensamento crítico do poeta, mas sem deixar de retermos suas ideias, verificaremos como essa ideia de uma poesia partilhável e comunicante – a qual relacionaremos a uma comunidade de afetos – se configura na obra estritamente poética de Manuel de Freitas, formada atualmente por cerca de trinta livros. Neles, podemos observar o uso de certos mecanismos que reforçam a ideia de livro

---

<sup>3</sup> Como salienta Pedro Eiras (2011, p.47), “Nunca estive em questão um abandono do trabalho formal, estilístico, retórico; pelo contrário, o que está em causa é uma reformulação do conceito de retórica, à luz de – pelo menos – uma ética e uma política. ”

de poesia como um espaço de partilha afetiva tanto dentro dos poemas, com o uso da citação, de endereçamentos, da segunda pessoa do discurso, de tempos verbais que reforçam o diálogo ou a interpelação, dentre outros; quanto na própria elaboração dos livros, por meio das dedicatórias, notas e cunho artesanal das publicações. Por motivos de extensão, utilizaremos como exemplo para este texto o livro *Brynt Kobolt*, publicado em 2008.



Ao examinarmos sua capa, percebemos que o título do livro parece ter sido pintado a tinta em uma superfície, assim como o desenho do pássaro e as bordas da contracapa, o que pode remeter a uma fabricação artesanal. Em relação aos paratextos, temos na dedicatória – “para Inês, que esteve na Toldbodgade, 5, e me levou à Magstræde,16” – um indicador afetivo, referente a também poeta e esposa de Freitas, Inês Dias; e também um prenúncio da estrutura do livro, dividido em duas partes, cada uma referente a uma viagem (agosto de 2006 e agosto de 2007) para Copenhaga, capital dinamarquesa. Ao final, há uma pequena nota informando sobre a produção do livro e número de exemplares que, desta vez, não é acompanhada pela numeração a mão e pela assinatura do poeta, como não é raro em seus livros.

Nos poemas, os recursos de endereçamento e de tempos verbais que reforçam o diálogo são utilizados numerosamente, como se pode notar no nos versos a seguir, que funcionam como um bilhete postal a outro poeta contemporâneo português:

INTERIOR MED UNG LÆSENDE MAND



um bilhete postal para o José Miguel Silva

Até me custa reconhecer que fui  
aquele rapaz de escuro, a ler de pé,  
alheio à janela que lhe trazia devagar  
um mundo repudiado em todos os seus gestos.

Acabaram, entretanto, os romances  
e as certezas. Deita-se, procura um cigarro,  
despede-se o melhor que pode da luz do rosto  
e adia, novamente, a sombra inútil do amor.


(FREITAS, 2008, p.13)

Funcionando como uma carta-poema endereçada ao amigo, esses versos trazem uma figura de poeta que, no primeiro momento e estrofe, anuncia-se em primeira pessoa como um “rapaz de escuro, a ler de pé”, ainda alheio aos infortúnios do mundo lentamente trazidos pela janela – sua zona de contato com o mundo exterior. Já na segunda estrofe, abandona-se a primeira pessoa do singular em favor de um tom indeterminado que declara o fim dos romances e das certezas daquele primeiro momento e que se aconselha a deitar, procurar um cigarro, despedir-se da luz do rosto e adiar mais uma vez “a sombra inútil do amor”.

Apesar das incertezas e do “mundo repudiado em todos os seus gestos” – e talvez por isso mesmo – parecem ser os afetos (ainda que inúteis contra tudo isso) e os versos (como espaços de partilha afetiva) os possíveis caminhos para “nos distrair da morte.” (FREITAS, 2008, p.9). Longe de qualquer posição aurática ou salvadora, a escrita é, ainda assim, um meio de se compartilhar memórias e amores:

É provável que <Messieurs>  
e <Madames> – como se lia nos lavabos –  
achem este poema uma completa inutilidade.  
Mas eu queria falar de Malmö, das horas  
que vivi quando apenas a chuva nos cercava.

Tenho a meu favor um caderno roxo,  
uma camisola, a sombra das tuas mãos.  
(FREITAS, 2008, p.29)




É a essa construção de um espaço de partilha afetiva, com a presença de várias personagens e vozes dentro de livros que poética e materialmente buscam uma aproximação com o leitor, que temos chamado de comunidade de afetos pela poesia. Uma comunidade, porém, calcada não “em um conceito determinado ou de uma certa propriedade atual (o ser vermelho, italiano, comunista)” (AGAMBEN, 2013, p.63), mas como uma “relação com uma totalidade vazia e indeterminada” (Ibidem), na qual, nas palavras de Maurice Blanchot (2013, p.17):

O ser, insuficiente, não busca se associar a um outro ser para formar uma substância de integridade. A consciência da insuficiência vem de sua própria colocação em questão, a qual tem necessidade do outro ou de um outro para ser efetuada [...] O ser busca, não ser reconhecido, mas ser contestado: ele vai, para existir, em direção ao outro que o contesta e por vezes o nega, a fim de que ele não comece a ser senão nessa privação que o torna consciente (está aí a origem de sua consciência) da impossibilidade de ser ele mesmo, de insistir como *ipse*, ou caso se queira, como indivíduo separado: assim, talvez, ele ex-istir-á, provando-se como exterioridade sempre prévia, ou como existência de parte à parte estilhaçada, não se compondo senão ao se decompor constante, violenta e silenciosamente.

Uma comunidade, em suma, que não resolve a insuficiência do ser, tampouco as angústias do mundo, mas que, de alguma forma, funciona como modo de partilhar a vida que, por vezes, tem “a espessura/exacta da morte” (FREITAS, 2008, p.32). Escrever poemas, como o faz Manuel de Freitas, é compartilhar a própria *solidão* sem, porém, esquecer de ser *solidário*, já que para o poeta “a poesia apenas interessa quando é um gesto absolutamente solitário. Que essa solidão possa ser solidária é algo que também lhes escapa [“aos críticos e pseudo-críticos de serviço”]. (FREITAS, 2012, p.165). Assim, de forma semelhante a Carlos de Oliveira, está atento ao que se passa lá fora ao mesmo tempo em que também escreve seu próprio isolamento:

Na Vester Farimagsgade, neste quarto  
de hotel sombrio, tentas escrever  
um poema sem nicotina e ignoras quase tudo:  
a língua em que te falam, os materiais  
de construção do prédio em frente, o destino  
dos comboios que perfuram o subsolo de Copenhaga.  
Mas também o nome das flores e das plantas  
que alastram pelas fachadas – ou que nuvens trazem  
ou não trazem chuva à janela que deixaste aberta.



Não há muito para ver, esta noite. Bicicletas  
louras atravessam uma estrada húmida  
e fumegante, percorrem talvez felizes a ausência  
de neve e de sentido. Enquanto não muito longe  
(prometeste o segredo que não chegas a trair)  
alguém toma por missão o que é obra  
apenas do acaso: a poesia, essa doença  
branda mas incurável que hoje se recusa  
a visitar-te – com ou sem cigarros, impossível.  
Asfixiada, quase gentilmente, pelas luzes todas do Tivoli,  
onde o esquecimento obedece a tarifas sem retorno.

Deixa; não te fará mal – nem bem – menos  
um poema na tua vida. No reflexo de múltiplas janelas,  
em todos os comboios que perderes, encontrarás  
somente a certeza da desapareição (embora, ao teu lado,  
um corpo de mulher sonhe obstinadamente com a neve).  
(FREITAS, 2008, p.7)

### **Referências bibliográficas**

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Tradução de Claudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.


ALVES, Ida. “O conflito de opiniões na poesia portuguesa: o esterco lírico e o grito do anjo”. PEDROSA, Celia; ALVES, Ida (Org.). In: \_\_\_\_\_. *Subjetividades em devir - estudos de poesia moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

BLANCHOT, Maurice. *A comunidade inconfessável*. Tradução de Eclair Antonio Almeida Filho. Brasília: UNB/Lumme, 2013.

EIRAS, Pedro. *Um certo pudor tardio*. Ensaio sobre os “poetas sem qualidades”. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

FREITAS, Manuel de. *Brynt Kobolt*. Lisboa: Averno. 2008.





\_\_\_\_\_. “O tempo dos poetas”. *Poetas sem Qualidades*. Lisboa: Averno. 2002a.

\_\_\_\_\_. *Pedacinhos de ossos*. Lisboa: Averno, 2012.

MARTELO, Rosa Maria. “Reencontrar o leitor”. *Relâmpago*. Lisboa: Fundação Luís Miguel Nava, nº 12: abril, 2003.

\_\_\_\_\_. *A forma informe: leituras de poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

OLIVEIRA, Carlos de. *Trabalho poético*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.